



UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo () Relato de Experiência () Relato de Caso

Eficácia de Agentes Químicos na Desinfecção de Tubetes Anestésicos Odontológicos.

AUTOR PRINCIPAL: Mateus José Dutra.

CO-AUTORES: Daniela Dal Olmo Merib, Jayne de Oliveira Manica, Laura Mezzalira Quevedo, Patricia Borsatto Zenatti, Marcos Eugênio de Bittencourt.

ORIENTADOR: Daniela Jorge Corralo.

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo (UPF).

INTRODUÇÃO

A ocorrência de doenças infecciosas e de infecção cruzada durante procedimentos na área da saúde é uma problemática que deve ser priorizada. Para se evitar contaminação, os profissionais devem adotar medidas de biossegurança. Este termo em Odontologia é definido como o conjunto de procedimentos adaptados no consultório com o objetivo de dar proteção e segurança ao paciente, profissional e sua equipe como auxiliar, secretária e outros, reduzindo o risco ocupacional e a transmissão de agentes infecciosos nos serviços de saúde. (ENGELMANN, 2009). Os métodos mais utilizados para controle de contaminações através de artigos são a esterilização e desinfecção como no caso de tubetes anestésicos que não são auto-claváveis, e por isso muitas vezes são utilizados sem nenhum tratamento para redução da carga microbiana, contribuindo para o aumento de contaminações cruzadas. Este estudo, avalia a ação de diferentes agentes químicos e técnicas para a desinfecção de tubetes anestésicos odontológicos.

DESENVOLVIMENTO:

Foram selecionados como produtos desinfetantes o álcool etílico a 70% (A70), o dióxido de cloro estabilizado a 7% (DC) e o cloreto de benzalcônio 5,2% com polihexametileno



UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



biguanida 3,5% (CBPB). Foram escolhidos de forma aleatória 31 tubetes de anestésicos disponibilizados para utilização no almoxarifado de uma escola de Odontologia do Norte do Rio Grande do Sul. Os tubetes de anestésicos selecionados foram transportados de forma asséptica até o laboratório de microbiologia do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Passo Fundo. Os métodos de desinfecção foram: 1. imersão por 10 minutos (três tubetes por agente químico); e, 2. fricção com gaze estéril por 10, 20 e 30 segundos (dois tubetes por agente químico e por cada tempo). Para o controle positivo, dois tubetes de anestésicos, dentre os selecionados, não receberam nenhum tratamento de desinfecção e outros dois foram friccionados com água destilada estéril (controle negativo), ambos por 10 segundos. Após, os tubetes foram colocados nos tubos de vidro contendo o meio de cultura tripticase de soja (TSB) e permaneceram incubados em estufa bacteriológica por um período de 48h a 37°C. Depois deste período, alíquotas da cultura líquida (25 uL) foram coletadas de cada um dos tubos e inoculadas em placas de Petri contendo meio tripticase de soja ágar (TSA), sendo incubadas pelo mesmo período, para comprovação do crescimento bacteriano e para verificar a diversidade bacteriana presente através do aspecto macroscópico, em placas de Petri, e, microscópico, pelo preparo de esfregaços e coloração de Gram. Houve turvação dos meios de cultura dos tubetes controle positivo, confirmados na cultura em meio sólido (tabelas 1 e 2). Nos controles negativos, a comprovação de contaminação foi possível depois da cultura em ágar, ocorrendo crescimento bacteriano (tabelas 1 e 2). Nos testes com fricção, somente o produto DC não foi efetivo na redução dos microrganismos, apresentando crescimento bacteriano em todos os tempos testados (tabelas 1 e 2). Os produtos A70 e CBPB foram efetivos com a fricção a partir de 10 segundos (tabelas 1 e 2). Nos testes com imersão dos tubetes nos agentes desinfetantes, nenhum produto demonstrou ser totalmente eficaz na eliminação dos microrganismos (tabelas 3 e 4). A microscopia pela coloração de Gram revelou a presença de cocos Gram-positivos e Gram-negativos como microrganismos contaminantes dos tubetes. Não foi realizada a identificação bacteriana de gênero e espécies.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O estudo confirmou a presença de microrganismos em tubetes anestésicos. Os protocolos de desinfecção em imersão por 10 minutos com os produtos utilizados mostraram-se ineficazes na redução da carga microbiana. Dos protocolos de desinfecção por fricção, somente o dióxido de cloro não foi capaz de eliminar os microrganismos dos tubetes anestésicos. O estudo reforça a importância da desinfecção



UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



de tubetes anestésicos, os quais são fontes de contaminação ao paciente em procedimentos odontológicos.

REFERÊNCIAS

ENGELMANN, A. I.; DAÍ, A. A.; MIURA, C. S. N.; BREMM, L. L.; BOLETA-CERANTO, D. C. F.; Avaliação dos procedimentos realizados por cirurgiões-dentistas da região de Cascavel-PR visando ao controle da biossegurança. *Odontol. Clín.-Cient.*, Recife, 9 (2) 161-165, abr./jun., 2010.

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa):

ANEXOS

file:///C:/Users/Mateus%20Dutra/Downloads/tabelas_anestesticos_2019.pdf